

MÁRIO DE ANDRADE E A QUESTÃO DA PROPRIEDADE LITERÁRIA*

RESUMO:

Este trabalho é o resultado de uma leitura baseada na posição de Mário de Andrade frente aos limites da propriedade literária, na medida em que essa posição traduz um questionamento de todo sistema literário, social e econômico.

RÉSUMÉ

Ce travail relève d'une lecture fondée sur la position de Mário de Andrade face aux limites de la propriété littéraire, dans la mesure où cette position traduit une remise en cause de tout système littéraire, social et économique.

Sinto que meu copo é grande demais para mim, e ainda bebo no copo dos outros.

Mário de Andrade
Prefácio Interessantíssimo.

A publicação de Macunaíma, em julho de 1928, suscitou violentas reações da parte da crítica. Dentre as numerosas restrições feitas à obra, ressalte-se aquela atribuída a Raimundo Moraes - um verbete no seu Dicionário de Cousas da Amazônia¹ - acusando indiretamente Mário de Andrade de ter plagiado as lendas colhidas por Koch-Grünberg.

A resposta do autor a Raimundo Moraes² propicia o exame de uma posição frente ao conceito de propriedade literária - o texto como acúmulo de bens do proprietário-autor - no sentido de um questionamento de todo sistema literário, social e econômico.

O teor desta carta reveste-se de importância, não só quanto à postura do escritor relativa à sua produção textual - a modernidade e virulência das afirmações aí contidas - mas também quanto ao espaço escolhido para a exposição de seus argumentos. A recusa de Mário em publicar os prefácios de Macunaíma revelava uma atitude frente aos limites de propriedade e de reservas de seu texto, sua esquivia de fixar uma linha diretriz ou de lançar uma espécie de palavra de ordem à leitura. O fato de ter Mário exposto e discutido seu pensamento sobre a obra através de uma vasta correspondência mantida com os amigos, ao invés de invalidar, acentua os motivos pelos quais foi abandonada a intenção de se publicarem os prefácios³.

A análise do texto-resposta a Raimundo Moraes, onde os limites de propriedade textual são rompidos pela noção arbitrária do próprio termo propriedade, se justifica por conter uma afir-

mação ousada do escritor quanto à produção literária de Macunaíma. Seu livro se caracteriza, assim, como produto de um ato de apropriação e de "roubo", uma dívida contraída, um montante de textos adquiridos a título de empréstimo.

Utilizando, como argumento de defesa, o exemplo dos rapsodos antigos e dos cantadores populares da atualidade, Mário responde ironicamente às acusações através de um processo artiloso de enunciação, fundado no ato de lembrar-esquecer. Explorando esse duplo movimento, desvela um mecanismo de memorização parasitária e a serviço do poder intelectual, transformando esta denúncia em nova articulação retórica, ao se posicionar como repetidor de textos calcados na improvisação e na "falha de memória"⁴.

A lição de Mário é de extrema relevância para se constatar a modernidade de sua visão diante de uma crítica cega aos problemas da relação de um texto com outros sistemas significantes - a prática intertextual⁵ - uma das preocupações que caracterizam o discurso crítico contemporâneo. O projeto de Mário, intertextual "avant la lettre", consiste na articulação de um texto plural, onde a figura do autor se esvai e se multiplica nos textos de que se apropria. O comércio livre dos signos torna-se moeda corrente onde várias vozes circulam sem autoridade nem lei.

Desafio de sabença

As diretrizes que delineiam a resposta de Mário a Raimundo Moraes se atualizam a partir de uma enunciação irônica que reitera o mesmo tom irônico do verbete. Essa réplica revela-se uma apropriação artilosa do texto de Raimundo Moraes, na medida em que, indiretamente, se colocava a questão de ser Macunaíma cópia de lendas já registradas. Tal recriminação será diretamente retrabalhada por Mário de Andrade. A transcrição do verbete

faz-se necessária:

Os maldizentes afirmam que o livro Macunaíma do festejado escritor Mário de Andrade é todo inspirado no Vom Roraima zum Orinoco do sábio (Koch-Gallenberg). Desconhecendo eu o livro do naturalista germânico, não creio nesse boato, pois o romancista patricio, com quem prevei em Manaus, possui talento e imaginação que dispensam inspirações estranhas. (A Raimundo Moraes, p. 98).

Percebe-se, de imediato, o teor irônico do texto, onde o elogio ao "festejado escritor" encobre e desvela uma recriminação de plágio, tornando-se mais contundente a insinuação quando o autor do verbete atribui sua voz a outros, os "maldizentes". Gesto de Pilatos que, sem assumir diretamente sua palavra, a confirma pela abstenção.

As "inspirações estranhas" desqualificam quem possui "talento e imaginação", qualidades estas configuradoras do perfil do escritor, onde a virgindade e pureza de seu texto constituiriam as marcas de individualidade. Patenteiam-se, assim, os preconceitos quanto ao ato criador, fruto de "inspirações estranhas", resultando em um texto também "estranho", pelo contágio maléfico dos outros textos. Tal postura tende a cercear a produção dentro de limites estreitos, tolhendo a liberdade criativa e ignorando o exercício livre da apropriação e do plágio. E será justamente a partir desse exercício que os poderes de propriedade individual começam a ser enfraquecidos: a figura do autor se dilui nas malhas dos textos, participando do domínio público e anônimo da textualidade.

Mário de Andrade, no banco dos réus, assume sua infração às leis impostas à criatividade, através de uma confissão desmitificadora dos princípios de originalidade, ao desmascarar

essa pretensa idéia de originalidade exigida pelo seu acusador.

No desenrolar desse processo, a tática de defesa consistirá na rememoração dos fatos - a cópia dos textos - reconstituindo, desta maneira, o caminho percorrido até se chegar à prática do "crime".

Um procedimento duplo de defesa passa a ser articulado, quando Mário, sob a acusação de ter "roubado" textos alheios, conduz seu discurso com o objetivo de desvelar o ato de memorização como faca de dois gumes. Raimundo Moraes, representante de um certo tipo de saber erudito, o culto da memória como mola mestra do conhecimento, torna-se vítima dos princípios aos quais se prendia. Mário, ao mesmo tempo que atira ironicamente esse culto da memória, o retoma, diferentemente, como marca de seu projeto criador. Desse modo, o esquecimento e a "falha de memória" irão contrariar os preceitos daqueles que combatem a improvisação e o jogo textual, considerados como atividade impura.

O exame pormenorizado da função da memória (ou sua ausência) na atitude intelectual do autor ultrapassa os limites deste ensaio. No entanto, poder-se-iam apontar determinadas posições de Mário referentes a este tópico. Dentre elas, ressaltem-se:

1. afirmações contidas na carta endereçada a Sousa da Silveira, a propósito de críticas recebidas ao seu "Prefácio Interessantíssimo";
2. sua conferência proferida em 1942 - "O Movimento Modernista" - onde faz uma revisão do movimento que, na época, completava vinte anos. Esse diagnóstico revelava vários sintomas, dentre os quais o da tradição literária brasileira e a auto-crítica de um escritor insatisfeito com o seu passado e, conseqüentemente, marcado pelas contradições e incertezas do presente;

3. sua contribuição ao estudo do folclore musical - tão bem retrabalhada por G. de Mello e Souza em O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma⁸ -, ao acentuar o caráter de improvisação próprio do processo de criação do populário, reprodução decorada com "falhas de memória", variações infinitas que constituíam o traço de liberdade criadora.

Em linhas gerais, esses exemplos conduzem às seguintes formulações:

Mário de Andrade, em carta a Sousa da Silveira, confessava ser a "ausência total de memória" o principal defeito de sua formação intelectual, defeito que se transforma em qualidade, visto ser a prática brilhante da memória a arma eficaz do escritor erudito⁹.

Na conferência sobre o Movimento Modernista, o autor apontava, dentre outras considerações, que o "esquecimento" da cultura imposta pela metrópole seria o antídoto eficaz a ser utilizado na luta a favor da independência cultural, pela desobediência do colonizado frente à marca registrada das idéias e modelos do colonizador. Esse esquecimento não implicaria, evidentemente, na destruição de uma memória acumulada, mas na prática de transgressão e releitura dos modelos¹⁰.

Sua contribuição ao estudo do folclore musical permitiu a G. de Mello e Souza estabelecer o paralelo entre a composição rapsódica de Macunaíma e o processo criador do populário, onde a "traição da memória" seria o processo inconsciente do autor em reproduzir de cor um aprendizado longo e laborioso¹¹.

Esses três momentos escolhidos para ilustrar a posição de Mário frente ao processo de memorização confirmam a articulação, em sua carta, do jogo ambíguo de lembrar-esquecer.

Como foi anteriormente assinalado, o primeiro argumento de

defesa, o exemplo dos rapsodos e dos cantadores nordestinos, abarca todos os outros, pois o que se denuncia é a falta de memória dos acusadores, seja ela voluntária ou não, que o autor tenta reativar através de um processo irônico de rememoração. A grande falha contida na recriminação de Raimundo Moraes consiste, justamente, no fato de se "avaliar" Macunaíma com base somente em um enredo inspirado nas lendas colhidas por Koch-Grünberg. A omissão e o "esquecimento" de outros textos, falas e discursos, impediam a compreensão da obra como resultado de um mecanismo restaurador de linguagens, pertencentes a um domínio comum que, pela sua natureza anônima, não constituíam ameaças à crítica.

A lição de memória de Mário vai sendo gradativamente transmitida: Raimundo Moraes, além de "desconhecer" a herança criadora dos rapsodos ("O Sr. muito melhor do que eu sabe o que são os rapsodos de todos os tempos..."), se esqueceu de mencionar a utilização, pelo autor, da lenda da Boiúna, por ele coletada e presente no capítulo XIII de Macunaíma - A piolhenta do Jiguê.

Os maldizentes se "esqueceram" de tudo quanto sabem e essa memória curta implicaria, infelizmente, em idéias curtas. Tais maldizentes, perdidos em um olhar narcísico, eram incapazes de se verem refletidos neste traçado parodístico de toda uma retórica realizada por Mário:

Copiei sim, meu querido defensor. O que me espanta e acho sublime de bondade, é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cópia a Koch-Grünberg, quando copiei todos. E até o Sr. na cena da Boiúna. Confesso que copiei, copiei às vezes textualmente. Quer saber mesmo? Não só copiei os etnógrafos e os textos ameríndios, mas ainda, na Carta pras Icamíabas, pus frases inteiras de Rui Barbosa, de Mário Barreto, dos cronistas portugueses coloniais, e devastei a tão preciosa quão solene língua dos colaboradores da Revista de Língua Portuguesa. (A Raimundo Moraes, p.99)

Fazia-se necessário, desta maneira, que os acusadores se lembrassem de que toda tradição literária brasileira consistia na repetição do já-dito nas metrópoles, cuja saída, aberta pelo Romantismo, estava sendo buscada pela inobservância às leis impostas ao conhecimento do colonizador; ou não se esquecessem de que Macunaíma, enquanto sátira do Brasil através de si próprio, traduziria o seu retrato, onde o negativo corresponderia aos textos parodiados, i.e., à leitura do Brasil como denúncia de toda retórica que embeleza e esconde sua verdadeira face.

A sátira, por sua vez, tampouco teria alguma novidade, pois remonta a Gregório de Matos, de "saudosos memórias" - uma lição esquecida pelo seu teor subversivo no interior da séria república das letras.

Finalmente, os limites de propriedade são rompidos pela noção arbitrária do próprio termo propriedade. Mário, utilizando-se do fato histórico, a descoberta do Brasil, ilustra e situa seu texto como despido de um valor de propriedade, lembrando ironicamente o "provável acaso" dessa descoberta e colocando em causa a noção de propriedade nos seus sentidos literário, social e econômico. A questão da posse da terra circunscreve-se à descoberta ocasional e provável dos portugueses que, em "provável primeiro lugar", fixaram no território brasileiro sua marca-cruz de conquista:

Enfim, sou obrigado a confessar duma vez por todas: eu copiei o Brasil, ao menos naquela parte em que me interessava satirizar o Brasil por meio dele mesmo. Mas nem a idéia de satirizar é minha pois já vem desde Gregório de Matos, puxa vida! Só me resta pois o acaso dos Cabrais, que por terem em provável acaso descoberto em provável primeiro lugar o Brasil, o Brasil pertence a Portugal. Meu nome está na capa de Macunaíma e ninguém o poderá tirar. (A Raimundo Moraes, p. 99-100).

Assim, trair implica em esquecer, trair a memória remete pa-

ra a dupla articulação do ato de lembrar-esquecer, desde que sô se esquece o que já se soube; escreve-se com a memória curta, embora o trabalho anterior de leitura e releitura seja feito com a longa memória dos longos conceitos.

Ao vencedor o nome

Au besoin, je prendrai mon territoire sur mon propre corps, je territorialise mon corps (...)
G. Deleuze.

Uma vez rompida a fronteira da propriedade textual, pela constatação de seu estatuto flutuante e fruto de um acaso intencional e provável de descoberta(s), a assinatura do autor Mário de Andrade na capa-corpo do livro mimetiza o gesto do conquistador que deixa sua marca-cruz na terra. Bandeira, emblema, brasão e tatuagem, variações em torno do mesmo eixo semântico: a idéia de se penetrar, fixar e reter para sempre um traço de legitimidade no território nômade do texto.

Se quem "roubou" cantou melhor do que o dono do terreno, este cede seu lugar ao vencedor. Se quem tirou um canto novo, improvisação de outros cantos, trocando "o seu troco miudinho, miudinho de alemão", sente-se no direito de resgatar essa descoberta em detrimento da tão decantada "originalidade criativa". As letras impressas, reduplicadas e em alto relevo, reproduzem ao infinito o nome do autor, resultando na última tentativa, embora imaginária, de se registrar o traço preto no branco da folha:

Meu nome está na capa de Macunaíma e ninguém o poderá tirar. (A Raimundo Moraes, p. 100).

O nome próprio, a assinatura não mais constituem a marca de um sujeito e sim de um domínio. O autor de um texto plural sô poderã ser considerado autor enquanto "ser de papel, presente no seu texto a título de inscrição"¹². O autor Mário de Andrade assume o poder da palavra impressa e do espaço do livro. Mas, se o nome próprio da pessoa física qualifica, o nome autoral preenche o vazio da página branca e a escurece, esvaziando, deste modo, a presença da pessoa, transposição que qualifica outro território, o da ficção.

O título da rapsódia - Macunaíma -, é por sua vez, recuperado, metonimicamente, pelo nome da personagem da lenda; o autor dele se apropria e o faz "seu". Mário de Andrade - autor, comporta e contém o nome da personagem Macunaíma desde que, por uma associação também de ordem metonímica, o nome do autor se inscreve antes do título e assume sua paternidade.

Da mesma forma, a personagem vale pelo autor, se se levar em conta que este é também personagem, inscrição, nome impresso, ocupando um novo lugar, o da leitura. Personagens já nascem personagens, autor(es) de um texto já escrito e, portanto, marcados por um discurso da representação.

Resta, assim, o impasse, pela abertura dos limites da propriedade: Macunaíma é e não é meu. Mário de Andrade e Macunaíma, autor, livro e personagem, são letras impressas, signos vicários que se espelham na luta tão (in)glória de se ter um lugar ao sol(o) da Literatura Brasileira.

NOTAS

Este artigo é parte da introdução de minha tese de Doutorado de 39 ciclo - Des mots, des langages e des jeux: une lecture de Macunaíma de Mário de Andrade - defendida na Université de Paris VII, França, em dezembro de 1982.

ANDRADE, Mário de. A Raimundo Moraes. Diário Nacional, São Paulo, 20 set. 1931; reeditado por Telê P. A. Lopez, Macunaíma: a margem e o texto. São Paulo, Hucitec, 1974, p. 98-100.

Idem.

Cf. entre outros, BANDEIRA, Manuel, org. Cartas a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, 1965;

ANDRADE, Carlos Drummond de. A lição do amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1982, p. 104-105:

Porém nem tive intenção de fazer um livro importante de psicologia racial não. Fiz o que me vinha na cabeça unicamente me divertindo e nada mais. O prefácio, estou com idéia de tirá-lo. Ao menos estava. Agora já não sei mais bem. (...). Ora essas levandades me entristecem e já não sei mais se boto ou se não boto o prefácio de Macunaíma. (Carta de 20-11-27).

SOUZA, Gilda de Mello e. O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma. São Paulo, Duas Cidades, 1979.

Cf. KRISTEVA, Júlia. A palavra, o diálogo e o romance. In: —. Introdução à semanálise. São Paulo, Perspectiva, 1969.

Carta a Sousa da Silveira, datada de 15-11-35. In: FERNANDES, Lygia. Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1968, p. 161-163.

7. O Movimento Modernista, In: ANDRADE, Mário de. Aspectos da literatura brasileira. São Paulo, Martins, s/d, p.231-255.
8. SOUZA, Gilda de Mello e. O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma. Op. cit.
9. *O prefácio mostrava isso. Mas citava pouco, não se apoiava em citações em latim, não nomeava cientistas. E veio a qualificação generalizada logo: eu era um burro, um louco, e principalmente um ignorante. E um cabotino. Mas eu estava de boa saúde intelectual, como lhe falei: Resolvi fazer cabotinismo, mas sempre sem perder tempo. Conscientemente. (...) O meu principal defeito intelectual, falta espantosa pela sua enormidade, é a falta de memória. Não tenho absolutamente memória nenhuma, mas absolutamente nenhuma. (...). Mas toda a minha erudição está nas fichas ou dorme nos volumes. Em mim só conservo melancolicamente como que um salão depois do baile. Pelos riscos no chão, pelas migalhas, pela desordem das cadeiras, a gente percebe que muita coisa se passou ali... Carta a Sousa da Silveira, datada de 15-11-35. In: FERNANDES, Lygia. Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros. Op. cit. p.161-162.*
10. Silviano Santiago, em seu artigo Apesar de dependente, universal, tece considerações pertinentes quanto à relação dialética existente entre "textos colonizados" e "textos da metrópole".
- SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. In: —. Vale quanto pesa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p.13-24.
11. *Efetivamente, o canto novo de Macunaíma, elaborado de "pura brincadeira, escrito na primeira redação em seis dias ininterruptos de rede e cigarros e cigarras", explodira em Mário de Andrade de forma análoga às imposições dos cantadores do Nordeste como a reprodução decorada de um aprendizado longo e laborioso. Era de certo modo um ato falho, a traição da memória do seu período nacionalista.*
- SOUZA, Gilda de Mello e. O tupi e o alaúde. Op. cit., p.26.
12. *Ce que je récuse dans l'auteur, c'est le lieu d'une propriété, l'héritage, la filiation, la loi. Mais, si on arrive un jour à distancer la détermination au profit d'un multitexte, d'un tissu de connexions, alors on pourra reprendre l'auteur, comme être de papier, présent dans son texte au titre d'inscription.*
- BARTHES, Roland. Sur S/Z e L'empire des signes. In: —. Le grain de la voix. Paris, Ed. du Seuil, 1981, p. 80.